A Nuno Gonçalves por lembrança de M. Saldanha

381

MONSENHOR DALGADO

ESBÔÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO

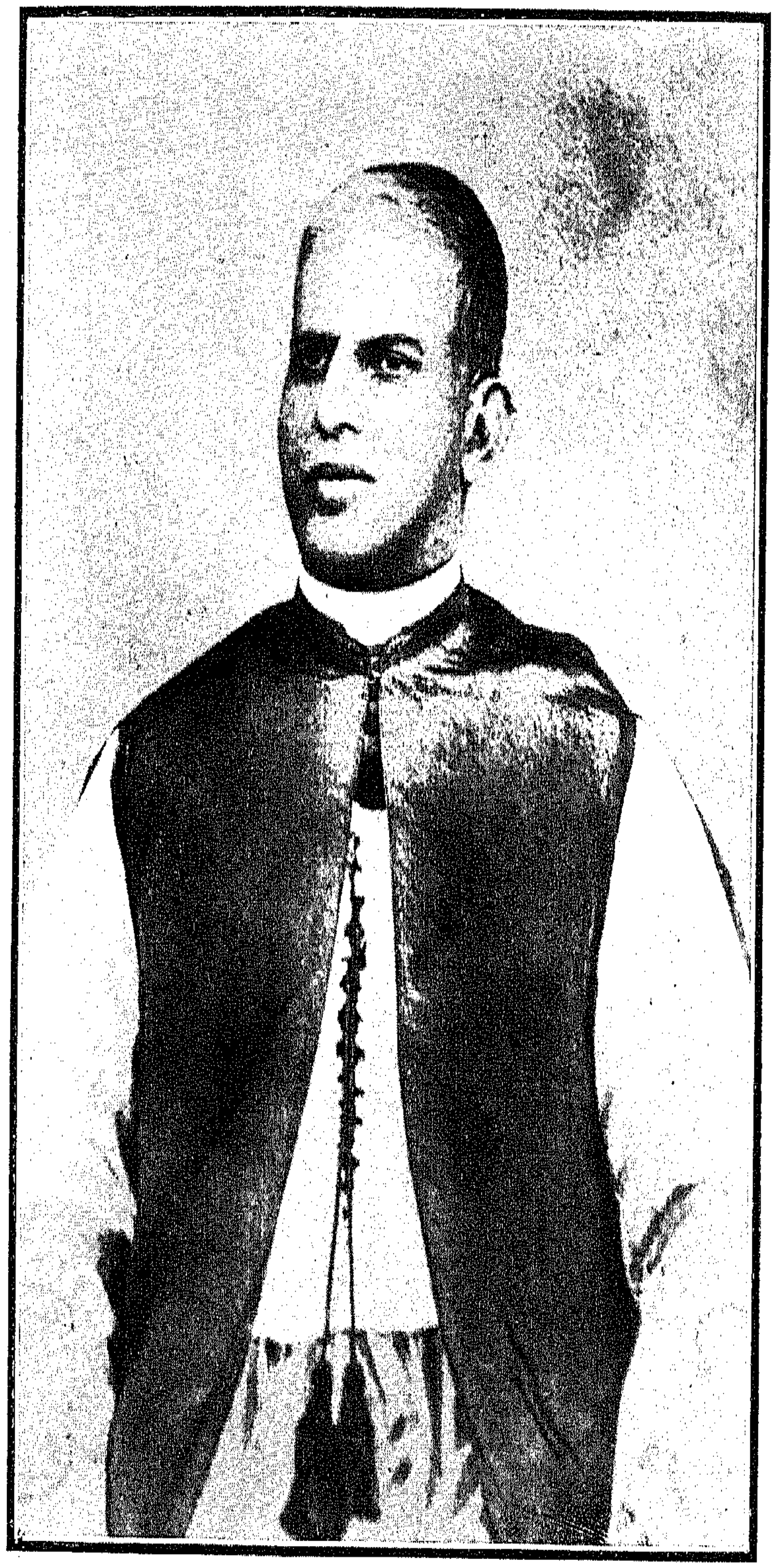
N.G

SEPARATA

DA

Revista da Faculdade de Letras

Tomo I



MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO

MARIANO SALDANHA

MONSENHOR DALGADO

ESBÔÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO

LISBOA

1933

Coimbra — Imprensa da Universidade — 1933

MONSENHOR DALGADO

ESBÔÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO

«O erudito nobilita o seu país, como a árvore de sândalo uma floresta».

Provérbio sanscrítico.

I

Bem avisada idea teve a Redacção da presente *Revista* em iniciar a sua publicação consagrando algumas páginas à memória dos ilustres colegas, que, embora já desaparecidos da camaradagem quotidiana, ainda perduram em saüdade no espírito dos que são os continuadores da sua labuta oficial. Nesta comemoração é grato recordar o nome de Monsenhor Dalgado, antigo professor de língua e literatura sânscrita, e publicista distinto, que honrou a Faculdade empregando todo o seu saber e persistente trabalho no serviço de três línguas que muito amava: o sânscrito, o português e o concani.

Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, nascido a 8 de Maio de 1855, teve o seu berço na frèguesia de Assagão, Índia Portuguesa, frèguesia pequena em área, mas notável pelo talento e patriotismo dos seus filhos, que têm feito sobressair dentro e fora de Goa, nomes como Nazaré, Lisboa, Lisboa Pinto, Cordeiro, Dias e mais particularmente Dalgado. Pelas distintas situações, que pelo seu trabalho atingiram, os irmãos Dalgado muito contribuíram para a honra do seu país: sendo um dêles o primeiro filho da nossa Índia que se formou *Barrister* em Londres, e outro, Gelásio Dalgado, depois de reformado em oficial médico do estado nativo de Sauntvari, veio estabelecer-se em Portugal, onde, pelos

seus trabalhos científicos, foi eleito sócio correspondente da nossa Academia. Mas o maior lustre da família foi Monsenhor Dalgado, cujas numerosas publicações, em diversos ramos de especialidade linguística, constituem um património glorioso para o seu nome, para a sua terra natal e para Portugal.

Para se compreender a génese da sua poliglótica actividade, faz-se necessário passar em vista os diversos accidentes da sua vida pública, que o habilitaram com preparação suficiente para empreender e levar ao cabo trabalhos de tão grande fôlego.

Concluídos os estudos preparatórios em Bardês e os teológicos, com prémios, no seminário de Rachol, Rodolfo Dalgado ordenou-se sacerdote e, por uma curiosa coïncidência, êle, reservado pelo destino para a carreira magisterial, disse a primeira missa no Colégio do Monte de Guirim, ao tempo afamado como o primeiro instituto particular de educação em Goa, nesse mesmo colégio onde também disseram igual missa alguns outros sacerdotes, depois professores liceais.

Cônscio dos seus dotes intelectuais, partiu para Roma com o fim de adquirir habilitações universitárias e formou-se em Direito Canónico e Romano na Universidade de S. Apolinário, e em 1884 doutorou-se *in utroque jure* sem a freqüência das aulas por autorização especial do Papa.

Passando de Roma para Lisboa, foi aqui nomeado missionário régio na Índia, para onde partiu em 1885, sendo pelo arcebispo de Goa, D. António Valente, nomeado Desembargador da Relação eclesiástica e, por pouco tempo, inspector dos seminários e escolas do nosso Padroado. E, tendo recusado o cargo de professor de teologia do referido seminário de Rachol, por o achar incompatível com a sua comissão de missionário, partiu em 1886 para Ceilão, com o cargo de Vigário Geral do Real Padroado. E eis aqui a génese da sua futura produtividade literária. Há factos mesmo insignificantes na vida dos homens que parecem elaborar grandes destinos. Tivesse Dalgado aceito o lugar de professor de seminário, talvez lá ficasse tôda a vida a destrinçar questões de moral ou de direito canónico, mas não teria dado

a Portugal e à Índia o valioso contingente dos seus estudos lexicológicos, que enriqueceram, ao mesmo tempo, as línguas portuguesa e goesa. A sua saída de Goa para ir desempenhar munus eclesiástico em Ceilão e, depois, na Índia inglesa — ambas teatro de variadas línguas e da antiga dominação lusitana, ainda hoje atestada por profundos vestígios linguísticos — essa saída, digo, foi o factor principal que lhe inspirou e facilitou o estudo, não só do português peculiar daqueles povos, mas ainda do sânscrito e doutras línguas orientais, cujo conhecimento tanto o ajudou a realizar investigações lexicológicas, em que mais tarde se ocupou.

Foi curta a sua demora em Ceilão, de sete meses e meio apenas. Mas dêsse mesmo breve tempo procurou colher o maior proveito estudando o dialecto português daquela ilha, não por amor à filologia, que ainda o não seduzia, mas ùnicamente pelo zêlo missionário de tornar as suas práticas mais compreensíveis dos seus paroquianos.

Entretanto, um facto diplomático passado em Roma vinha perturbar profundamente algumas das cristandades luso-orientais. A concordata assinada em 1886 entre a Santa Sé e Portugal arrancava ao nosso Padroado as últimas igrejas que ainda lhe restavam na ilha de Ceilão, para as confiar a missões estrangeiras; e os respectivos povos, que conservavam gratas tradições do clero português de Goa, a quem deviam, em grande parte, a sua conversão e educação, desejando continuar a ser pastoreados pelo mesmo clero, protestaram contra a sua alienação e enviaram para a Europa, como seu procurador, o zeloso padroadista, Dr. P. M. Lisboa Pinto, *coaldeano* de Dalgado, a fim de reclamar perante a Cúria e o govêrno português que não fôssem desligados do Padroado. A Santa Sé respondeu-lhes *quod scripsi scripsi* e o nosso govêrno repetiu: *o feito está feito*, sem atender aos sentimentos lusófilos daqueles povos, que sendo súbditos ingleses, pediam para se acolherem sob a égide espiritual da lusa nação. O Delegado Apostólico e o seu secretário Monsenhor Zaleski, que fazia honrosas referências a Dalgado, seu condiscípulo universitário em Roma, obrigaram-no a aceitar

a comissão de Vigário Geral do arcebispado de Colombo, que não pertencia ao Padroado, com vistas na futura promoção para aquela mitra, esperando talvez que dêste modo a mudança de jurisdição fôsse menos antipática aos luso-cristãos. Mas êstes, persistindo apaixonadamente na sua reclamação e vendo baldados os seus esforços, preferiram fechar os templos e abraçaram em massa a igreja cismática de Antioquia. Fechadas as igrejas, e extinta a missão do Padroado, Dalgado recolheu-se a Goa, em Janeiro de 1887, com os outros missionários portugueses. Pouco depois era mandado como Vigário Geral de Bengala; mas o respectivo prelado, vendo-o pouco disposto a contemporizar com a sua pródiga administração — que, mais tarde, o obrigou a resignar a mitra — fê-lo afastar da diocese extinguindo o lugar, e Dalgado foi, em 1893, transferido para Onor, no distrito de Canará.

Se os estudos em Roma lhe tinham ministrado conhecimentos de grego, hebráico e italiano, em Ceilão o seu pendor linguístico o levara a adquirir os elementos dos idiomas malaiala e singalês; em Bengala e em Onor aproveitou a oportunidade para estudar o bengale, o industane, o canarês; e, achando-se temporàriamente em Sauntvari, nas fronteiras de Goa, dedicou-se ali ao estudo de marata e de sânscrito, cujas relações de parentesco com o concani, vernáculo inculto de Goa, o levaram a empreender o estudo científico da estrutura e vocabulário dêste vernáculo, terminando por organizar, em 1892, o dicionário concani-português e, mais tarde, a sua gramática. E assim, as suas sucessivas mobilizações eram outras tantas ocasiões, que o seu destino lhe proporcionava, para ir progressivamente enriquecendo o seu pecúlio linguístico, que tão proveitoso lhe seria para as suas futuras lucubrações. Êstes conhecimentos, é claro, foram depois ampliados no seu gabinete e com facilidade estendidos para outros idiomas orientais.

Tendo vindo à metrópole em 1895, foi aqui autorizada — à solicitação da Academia das Ciências — a sua demora, a fim de dirigir a impressão, por conta do govêrno, do seu outro dicionário, o português-concani, que trazia da Índia em manuscrito.

Terminada a impressão dêste livro, e também a sua comissão de missionário, voltou para Goa, onde, pelo seu profundo conhecimento do vernáculo, era empenhadamente convidado para prègar nêle em festas paroquiais. Os seus sermões eram notáveis pela pureza da língua, pela qual se empenhava, servindo-se possívelmente de vocábulos indígenas, ou, na falta, de importações sânscríticas para a língua erudita, como o haviam feito os antigos missionários e ainda fazem os escritores maratas e outros vernáculos; e fazia-o com o decidido propósito de demonstrar a riqueza e possibilidades daquele belo idioma, hoje infelizmente limitado ao uso coloquial e pouco apreciado dos próprios nativos.

Regressando a Portugal no mesmo ano, o Conselho do antigo Curso Superior (hoje Faculdade) de Letras, atendendo aos estudos e trabalhos de Dalgado, propôs, por morte do professor Vasconcelos Abreu, a sua nomeação para professor de sânscrito no mesmo Curso Superior, lugar de que tomou posse em Janeiro de 1908, e exerceu até à morte, que teve lugar em 4 de Abril de 1922.

Se êste cargo foi o epílogo da sua carreira oficial, não lhe faltaram honras e títulos eclesiásticos e civis, que o vieram buscar no remanso do seu gabinete para consagrar a sua virtude e o seu saber. Como sacerdote exemplar e erudito, que fazia honra ao clero, as autoridades eclesiásticas manifestaram a sua consideração, dentro dos acanhados limites de praxe, conferindo-lhe os títulos de Monsenhor e Prelado Doméstico de S. Santidade e de Desembargador da Relação eclesiástica de Goa. A Faculdade de Letras, de Lisboa, conferiu-lhe o grau de Doutor em Letras; a Sociedade de Geografia e o Instituto de Coimbra fizeram-no seu sócio; a *Royal Asiatic Society*, de Londres, elegeu-o seu membro honorário; e a nossa Academia das Ciências, de que era sócio correspondente, tendo assentado votá-lo, na sessão de 27 de Abril, sócio efectivo, distinção literário-científica das maiores que em Portugal se conferem, não o chegou a fazer, por falecimento do candidato antes dessa data.

O seu amor pelas línguas indianas levava-o a animar a vulgarização da sua cultura, e neste intuito ofereceu ao Liceu Central de Nova Goa um fundo permanente com que se pudesse conferir um prémio pecuniário no curso de sânscrito do mesmo Liceu; pôs à disposição do arcebispo de Goa quantia precisa para se fundar uma cadeira de concani no seminário de Rachol, projecto que não foi avante por quaisquer dificuldades; e, não se esquecendo da igreja da sua frèguesia natal, ofereceu-lhe 700 libras para com os seus juros *fornecer guisamento* de missa aos celebrantes.

Nascido na Índia e não lhe circulando nas veias nem uma gota de sangue europeu, nutria contudo grande amor pela lusa metrópole, à cuja acção religiosa e social agradecia a sua educação cristã. Amor à Índia e amor a Portugal foram os dois polos que nortearam tôda a sua actividade literária, tendente a servir melhor a língua do seu país e a língua da mãe pátria, como se patenteia em todos os seus escritos. «O incentivo para a labutação — diz êle no Prefácio à *Influência* — não foi tanto o amor às letras quanto a entranhada dedicação a Portugal. Se a presente obra... de algum modo contribuir com efeito para a sua glória, dar-me-ei por exuberantemente pago de todos os labores e despêndios».

Mas esta mesma labutação, prolongada e ininterrupta, foi paulatinamente minando a sua, aliás, robusta organização e lhe fêz minorar a saúde, que foi vítima de estranhas enfermidades. Os seus últimos doze anos de vida foram séculos de atrozes sofrimentos, causados pela artério-esclerose e intoxicação úrica, que o perturbava com depósitos dolorosos. Amputada primeiro uma perna, a outra mais lhe dava tormentos do que utilidade, tiritando de noite e às vezes de dia, por todo ano, com calafrios intensos, que exigiam o conchego de botijas quentes. Enquanto lia ou escrevia com uma das mãos, com a outra comprimia as faces para aliviar nevralgias; e, para complemento, as insónias quási permanentes, nem lhe permitiam restaurar com sono reparador o corpo e o espírito fatigados; e quando, mais tarde, lhe foi amputada também a segunda perna, ficou completamente prêso ao leito, que

só deixava para ir, numa cadeira de rodas, dizer missa no seu altar privado. Era no leito que lia e escrevia e daí falava com as visitas, e até dava aulas, por especial deferência do Conselho da Faculdade. Como bem disse, no seu discurso à beira da sepultura, o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, «¿quem ao entrar no quarto não se comoveria de o ver de meio corpo, encostado a uma mesinha, que lhe pousava sôbre a cama, rodeado de livros e de papéis? ¡Como as leis do mundo parecem contraditórias ao nosso pensamento! ¡Quanta gente inútil ou prejudicial que vagueia por essas ruas sã e resistente, e aquele mártir amarrado perpètuamente ao sofrimento e, a-pesar-de tudo, a desvendar sempre com actividade ininterrupta os segredos da história e psique humanas, que outro não é o sentido da pesquisa lexicológica! Trabalhou até os últimos momentos: ainda ante-ontem na vespera de morrer esteve revendo provas tipográficas de novo livro que tinha no prelo sôbre *Provérbios* concanis» (1).

E assim foi. Trabalhou incansàvelmente até se lhe extinguir a derradeira centelha de luz, não só em rever as provas dos *Provérbios*, mas ainda na coordenação da sua gramática concani, que não chegou a ultimar. Foi pelo concani que principiou a sua bibliografia linguística e pelo concani exalou o seu último sôpro de vida; e foi naquela cama e naquela mesinha, que êsse «meio corpo» elaborou e escreveu todos os seus últimos livros, incluindo o monumental *Glossário*.

II

Passando agora a examinar o legado literário de Dalgado, podemos classificar tôda a sua obra em quatro grupos: *A*) Lexicologia; *B*) Dialectologia; *C*) Sanscritologia; *D*) e, se se permite a palavra, Concanologia, em que se incluem as publicações relativas ao concani.

(1) *Revista Lusitana*, vol. XXVI, pág. 313.

A) Comecemos pela Lexicologia, que foi o primeiro campo dos seus trabalhos linguísticos.

Reconhecendo o estado inculto em que se encontrava o vernáculo de Goa, que, em matéria léxica, apenas possuía uns famintos vocabulários, e, preparado com os conhecimentos de marata e sânscrito, empreendeu prover a língua de um dicionário organizado em moldes científicos, que ostentasse todo o tesouro léxico, tomando por guia o dicionário marata compilado por Molesworth, que ao tempo era obra prima de lexicologia indiana. Nesta orientação Dalgado publicou dois dicionários:

1. — *Dicionário Konkani-Português*, filológico-etimológico, publicado pelo autor; Bombaim, Tip. do *Hindu-Prakash*, 1893, in 8.º gr. págs. XXX, 562.

2. — *Dicionário Português-Konkani*, publicação do Ministério da Marinha e Ultramar; Lisboa, Imprensa Nacional, 1905, in 8.º gr. págs. XXIV, 906.

Êstes dicionários, que se podem considerar uma só obra em duas partes, constituem um facto notável na história do concani e vieram na verdade preencher uma lacuna secular, fornecendo aos estudiosos um auxiliar precioso, digno de confiança, pois que os vocabulários até aí organizados, além de deficientes, pecavam por falta de ciência lexicológica. Contudo, os dois livros, se foram bem apreciados por pessoas competentes, o público leigo, em geral, retraíu-se ao princípio em lhes conceder o devido aprêço. É que traziam duas innovações, que chocavam com a rotina: a primeira foi a ortografia, que, afastando-se da prática geral pouco científica, seguia o sistema de W. Jones, ao tempo adoptado pelos orientalistas, e que exigia certo treino para a sua assimilação; a segunda era no vocabulário: com o fim de depurar a língua de estrangeirismos, Dalgado indicou a sua substituïção por vocábulos indígenas, que, embora não figurassem na linguagem coloquial moderna, eram contudo usados no antigo concani, e ao mesmo tempo importou do sânscrito e do marata vocábulos que satisfizessem a linguagem erudita, como o fazem os outros vernáculos;

o que tudo soava aos ouvidos dos goeses cristãos como maratismos ou estranhos neologismos. Mas, como os livros fôssem indispensáveis, em especial ao clero e aos jornalistas vernáculos, a edição foi-se esgotando e a língua aguarda um novo dicionário, já profundamente actualizado, quer nos vocábulos, quer na sua ortografia, quer finalmente na identificação da sua etimologia, que carece de séria revisão, em face dos últimos trabalhos filológicos, que têm deitado imensa luz na formação do vocabulário indiano. Mas isso é obra para quem possua êsses estudos e não para qualquer vocabularista.

O segundo dicionário abriu ao autor as portas da Academia sob parecer de Gonçalves Viana, que sôbre aquele livro assim se pronunciou:

«Esta segunda parte da obra, muito mais compendiosa e abundante que a primeira, deve ter sido laboriosíssima e é sobremodo interessante, esmerada e meritória, como vindo preencher uma das muitas lacunas que existem na literatura pátria com relação ao estudo dos nossos idiomas coloniais...».

3. — *Contribuïção para a Lexicologia Luso-Oriental*; Coimbra, 1916, 193 pgs. Separata do *Boletim da segunda classe, da Academia*, vol. IX. — É uma colecção de alguns artigos ou antes monografias sôbre alguns vocábulos luso-orientais, que depois condensou no *Glossário*.

4. — *Gonçalves Viana e a Lexicologia Portuguesa de Origem Asiático-Africana*. Publicação da Academia. Separata do *Boletim da segunda classe*, vol. X, Lisboa, 1917, 166 págs.

Êste trabalho visa a comentar e aditar as *Apostilas* e as *Palestras* daquele eminente romanista português na parte atinente aos vocábulos asiático-africanos. A propósito, Dalgado sustenta a necessidade de uma revisão de tôda a nossa lexicografia, porque:

«É facto incontestável e de fácil comprovação — quere-me parecer que com isto não irrogo injúria aos seus laboriosos e beneméritos autores — que os dicionários nacionais deixam muito a desejar com respeito a lexicologia portuguesa, concernente às

nossas colónias e às terras com que mantivemos relações magestáticas, políticas, religiosas e comerciais».

E com erudita dissertação, aqui como no *Glossário,* demonstra que êsses dicionários «são deficientes em grande parte, supérfluos às vezes e muito defeituosos sob diferentes pontos de vista».

5. — *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913. Publicação da Academia, in 8.º gr. págs. XCII, 253.

6. — *Glossário Luso-Asiático.* Coimbra, Imprensa da Universidade, vol. I, 1919, págs. LXVII, 535; vol. II, 1921, pág. XI, 558. Publicação da Academia, in 8.º, gr.

Destas duas publicações tratamos adiante.

B) DIALECTOLOGIA:

7. — *Dialecto indo-português de Ceilão.* Contribuïção da Sociedade de Geografia de Lisboa para o quarto centenário do descobrimento da Índia. Lisboa, 1900, págs. XII, 262, in 8.º, gr.

8. — *Dialecto indo-português de Goa.* Pôrto, 1900, 22 págs., in 8.º, gr. Separata da *Revista Lusitana,* vol. VI, fasc. I.

9. — *Dialecto indo-português de Damão.* Lisboa, 1903, 32 págs., in 8.º, gr. Separata da Revista *Ta-ssi-yang-kuó.*

10. — *Dialecto indo-português do Norte.* (Bombaim e subúrbios), Lisboa, 1906, 62 págs., in 8.º gr. Separata da *Revista Lusitana,* vol. IX, fasc. I e II.

11. — *Dialecto indo-português de Negapatão.*

12. — *Berço de uma Canção em indo-português.* Pôrto, 1917. Separata da *Revista Lusitana.*

Nestas monografias apresenta espécimes do falar peculiar aos cristãos dêsses países, deduzindo as leis filológicas que provocaram as transformações caraterísticas porque passou o português em cada uma dessas regiões. O estudo daqueles dialectos portugueses, bem ou mal falados em tão remotas regiões por povos que, há muito, deixaram de pertencer à lusa nação, interessava não só à história e aos sentimentos de Portugal, mas também à ciência filológica em geral, e tinha atraído a investigação de filó-

logos estrangeiros; o Dr. Hugo Schuchardt, que se tinha dedicado ao estudo especial dos crioulos asiáticos, havia publicado um valioso trabalho sôbre o crioulo de Diu. Os trabalhos de Dalgado vieram, portanto, suprir uma falta que se fazia sentir entre os próprios portugueses, mais interesados no assunto. A monografia n.º 12 é um comentário sôbre uma canção anónima, de berço desconhecido, e publicada, há muitos anos, em Goa.

Não há dúvida de que para a acção colonial de Portugal é um facto honroso esta expansão da sua língua naquelas remotas plagas do Oriente, ainda depois de arrancadas ao seu domínio. Mas a persistência prolongada do luso idioma nessas longínquas terras não se explica ùnicamente pela influência portuguesa, que foi pouco duradoura. Houve um outro factor não menos honroso, que também contribuíu para a sobrevivência da língua. Não será talvez fora de propósito uma ligeira digressão sôbre o assunto, tanto mais que Dalgado não descreve êsse factor:

Os dominantes europeus, ingleses e outros, que sucederam a Portugal, encontrando nessas partes já vernaculizada a nossa língua, continuaram a mantê-la como veículo da instrução para os filhos de europeus e de funcionários nativos; e assim, desde Bengala até Ceilão e particularmente em Madrasta, Tranquebar, Negapatão, Cuddalore, embora o govêrno fôsse já estrangeiro, o ensino europeu continuava, ainda no comêço do século XVIII, a ser ministrado em português e ainda hoje o é em missões protestantes de Ceilão. A nova *Carta* da *East India Company,* passada nos fins do século XVII determinava que «todos os ministros (protestantes) fôssem obrigados a aprender o português e a língua nativa dentro de um ano da sua chegada». E em 1716 era submetido ao govêrno do Fort St. George (Madrasta) um plano de educação, em que se propunha fundar uma *escola de caridade* «para se ensinar às crianças pobres ler e escrever a língua portuguesa, a única que percebem» e uma outra na cidade inglesa. Em Negapatão havia, ainda no meado do mesmo século, uma escola de português, leccionada por um «mestre Domingo Rosário».

Nos fins do século XVII a referida Companhia inglesa fazia

destribuir pelos seus estabelecimentos 300 livrinhos levados de Portugal. Mas, já a êsse tempo, o português daquelas paragens era um *patois* mixto de diferentes idiomas e a língua pura e correcta era-lhes pouco perceptível. Para obviar a êste inconveniênte um capelão protestante de Madrasta, que era um entusiástico educador por meio do português, dedicou-se ao estudo daquele *patois*, em que compôs alguns manuais, e deixou em manuscrito a tradução portuguesa de algumas passagens da Bíblia. Êste manuscrito, passando para as mãos de Ziegenbalg e Grundler, célebres missionários dinamarqueses de Tranquebar, induziu êstes a empreenderem a versão completa, e, graças a êstes beneméritos missionários estrangeiros, a Índia logrou possuir, muito antes da metrópole, a tradução portuguesa da Bíblia, que, por ser naquele longínquo e deformado dialecto, não faz parte do tesouro literário português, nem mesmo é entre nós conhecida; mas seus exemplares tinham sido largamente distribuídos no século XVIII nas escolas portuguesas de Tranquebar, Fort St. David e Madrasta.

C) SANSCRITOLOGIA:

Pròpriamente nesta ciência pouco produziu Monsenhor Dalgado e mesmo isso de secundária importância. O meio português pouco ajuda semelhante trabalho. Portugal foi o primeiro país europeu, depois da Grécia, a ter relações com a Índia; mas, enquanto outras nações e até aquelas que não tiveram domínio na Índia, possuem valiosas colecções de livros e manuscritos indianos, que favorecem os respectivos estudos, entre nós a falta de semelhantes fontes desarma os mais estudiosos. O próprio G. de Vasconcelos Abreu, aliás melhor apetrechado com estudos feitos, por conta do govêrno, em França e na Alemanha, sob a direcção de sanscritistas eminentes como Bergaigne, Bournouf e Pischell, regressando à pátria, viu-se impotente para produzir qualquer investigação na sua especialidade.

Dos seus estudos sanscritológicos Dalgado deixou as seguintes publicações:

13. — *Hitopadexa ou Instrução Util.* Versão portuguesa,

feita directamente do original sânscrito. Com uma introdução por G. de Vasconcelos Abreu. Lisboa, págs. XXII, 292, in 8.º peq.

14. — *História de Nala e Damayanti* (episódio de Mahabharata). Coimbra, 1916, 155 págs., in 8.º gr.

Ambas estas traduções, seguindo quási à letra o texto original de tão remota época e mentalidade, não caíram no agrado de certos leitores, que exigiam estilo mais atraente e moderno. Mas o autor, como vários orientalistas, entendia e sustentava que para se revelar o estranho e longínquo pensar do Oriente era necessário manter, quanto possível, a mesma maneira original de dizer e pintar, mesmo com o sacrifício da forma literária. «Quem queira provar o caril indiano — dizia êle — ou há de tê-lo preparado à indiana ou não o chega a provar».

Em todo o caso, a bibliografia portuguesa ganhou com essas publicações, especialmente com o *Hitopadexa*, que, pelas suas curiosas e inteligentes fábulas, tem sido vertido em quási tôdas as principais línguas do mundo e constituiu para Portugal a primeira tradução completa de uma obra sanscrítica.

Pode-se, a propósito, mencionar ainda a *Introdução* sôbre o teatro hindu, com que apresentou a tradução portuguesa de *Xacuntalá*, feita pelo sr. Bernardino Gracias.

15 — *Rudimentos da Língua Sânscrita;* (Gramática, textos, vocabulário). Publicação da Faculdade de Letras. Lisboa, Imp. Nacional, 1920, in 8.º gr., págs. 78.

D) CONCANOLOGIA:

No que toca ao concani, além dos dois dicionários, já mencionados, temos:

16. — *Primeiro Plano da Celebração nacional do quarto centenário da partida de Vasco da Gama para o descobrimento da Índia*, traduzido em concani, em caracteres devanagáricos e romanos, por incumbência da comissão executiva. Lisboa, 1897, 8 págs., in fol.

É esta a única composição de Dalgado em concani, pois que os seus sermões, que seriam mais interessantes, não os deu à luz.

17. — *Florilégio dos Provérbios Concanis.* Publicação da Academia. Coimbra, Impr. da Universidade, 1922, págs. xx-335, in 8.° gr. Não é apenas uma resenha descritiva; é um trabalho científicamente organizado, em que os provérbios se acham traduzidos, explicados, comentados e comparados com os de línguas asiáticas e europeias, revelando aos folcloristas e etnólogos não só a psicologia e a sabedoria de um povo, mas as suas relações com a mentalidade de outros povos.

18. — *Gramática da Língua Concani*, ainda inédita. Foi composta em grande parte depois da publicação do *Glossário*. O autor, sentindo próximo o termo da sua vida, que não lhe permitiria completar e publicar o seu trabalho, ofereceu, pouco antes de falecer, o respectivo manuscrito à Biblioteca Nacional de Nova Goa, onde ao presente se acha. Era sua velha aspiração dotar a língua do seu país com uma gramática bem organizada, que, com os seus dicionários, fornecesse aos seus patrícios os elementos precisos para a cultura e progresso do seu idioma. Outros trabalhos mais urgentes e a falta de documentação apropriada fizeram, porém, protelar a realização desse objectivo até às vésperas da morte.

Reservei para o fim tratar do seu principal trabalho, que é o *magnum opus* da sua paciente investigação no vasto campo de lexicologia luso-oriental. Refiro-me às suas duas utilíssimas obras sôbre a influência que mutuamente sofreram a língua portuguesa e as orientais, durante o contacto mais ou menos longo que tiveram naquelas afastadas regiões.

Portugal, pela sua acção política, comercial, religiosa e social, não podia deixar de exercer no Oriente influência notável, quer na evolução dos povos, quer nas suas línguas; e, em contra-partida, enriquecer o seu próprio léxico com vocábulos locais, designativos de ideas e objectos novos e estranhos; os quais vocábulos os emigrantes importavam e usavam na sua pátria, não tanto por afectação, quanto por fôrça da prática e da necessidade, provocando, porém, comentários dos seus compatriotas, que os achavam singulares e os ridiculizavam, porque — como escrevia Francisco

Rodrigues Lôbo, em 1619 — «não sabiam dar um passo sem *palanquins*, *bajus*, *catanas*, *bois*, *larins* e *bazarucos*, e outras palavras, que deixam em jejum o entendimento dos ouvintes, sem, por isso, os seus ficarem melhor acreditados».

Era, portanto, um estudo interessantíssimo investigar qual o grau e a qualidade dêsses vocábulos e a evolução fonética e semântica que sofreram, ao transitarem de uma língua para outra. Quanto aos vocábulos anglo-indianos, Yule e Burnell já haviam dotado a sua língua com o seu eruditíssimo *Glossário*, intitulado *Hobson-Jobson*, fundamentado em muitos pontos sôbre textos portugueses. Entre nós, há já um século, o Cardial Saraiva tinha tentado uma investigação similar, até onde a ciência da época o permitia, com o seu *Glossário*, publicado em 1827. Mas, quem de facto penetrou neste campo com relativa proficiência foi o nosso abalizado glotólogo Gonçalves Viana, que conhecia algumas línguas asiáticas, pelo menos nos seus dicionários e gramáticas. «É a êle, diz Dalgado, que cabe a glória de ter sido o primeiro que se abalançou a abranger nos estudos lexicológicos do vocabulário português numerosas dições provenientes das línguas vernáculas das nossas colónias». Mas a falta do conhecimento directo, quer das línguas quer do meio asiático, não podia deixar de reflectir-se nos seus estudos, que, de resto, abrangiam poucos vocábulos.

Dalgado concebeu, pois, o arrojado plano de elaborar um trabalho que revelasse, com a documentação possível, a mútua troca vocabular havida entre as línguas em questão; e, depois de um laborioso estudo, feito durante anos, em que revolveu quási tôda a literatura luso-oriental, deu à luz as referidas duas publicações: a *Influência* e o *Glossário* (n.os 5 e 6), que constituem complemento uma da outra. Recomendando a publicação da *Influência*, dizia o erudito Gonçalves Viana, relator da Comissão da Academia:

«Estou certo de que a publicação desta obra monumental obterá eco e aplauso entre os especialistas de tôdas as nações civilizadas e no público em geral e redundará em glória para a

nossa pátria, em merecido louvor para a nossa Academia e principalmente para quem, com o maior desinterêsse, amor, espírito verdadeiramente científico e acrisolado patriotismo, se abalançou à execução modelar de trabalho tão bem concebido, tão dificultoso e tão útil, num domínio até agora quási inexplorado».

Houve quem reparasse não ter o autor fundamentado essa influência com abonações em cada uma das línguas asiáticas, como o fizera no *Glossário* em relação ao português. Seria para isso necessário percorrer a literatura de cada uma dessas cêrca de cinqüenta línguas estrangeiras, o que era superior às fôrças de uma só pessoa. Tal qual está, o livro não lhe custou poucas fadigas:

«... prossegui — diz êle — com intermitências mais ou menos longas e com ocasionais desfalecimentos, na ímproba tarefa de percorrer mais de uma vez grande quantidade de dicionários e vocabulários de umas cinqüenta línguas, alguns dêles volumosos, raros e caros; de adquirir listas parciais já publicadas; de obter outras novas, por via de amigos obsequiosos, dispersos na Índia e de refundir várias vezes os materiais reünidos. E isto no meio de constantes sofrimentos físicos, a miúde cruciantes e não poucas agruras morais».

A segunda parte desta obra, «o grandioso e nunca assaz louvado *Glossário Luso-Asiático*», como o classificou Leite de Vasconcelos, foi um epílogo condigno com que o autor coroou as suas longas investigações. Neste *Glossário* encontra-se por assim dizer a biografia de centenas de palavras coloniais que ingressaram no português e, por via dêste, em outras línguas europeias, biografia reconstituída com uma série de abonações cronològicamente dispostas, como em *Hobson-Jobson*, e colhidas principalmente, mas não exclusivamente, dos nossos escritores orientais desde a mais primitiva data até ao presente e algumas ainda anteriores à chegada dos portugueses. Alguns dos artigos são dignos de demorada leitura, como os que dizem respeito a *amouco*, *catre*, *macaréu*, *jangada*, *pagode* e muitos outros, em que o autor discutindo de forma exaustiva opiniões anteriores, apresenta a sua com sólidos argumentos.

Sôbre a utilidade dêsse livro dizia o Sr. Dr. David Lopes na sessão da Academia de 13 de Abril de 1916:

«Êle vem prencher uma lacuna na lexicologia portuguesa e é um subsídio valiosíssimo para o Dicionário da Academia; por isso bem merece da Academia e das letras pátrias quem, como o Sr. Dalgado, tão devotadamente e através de tantas dificuldades, porfia sempre na senda de bem fazer».

E o Govêrno da República:

«Considerando que o mesmo *Glossário Luso-Asiático* é não só uma valiosa e extensa contribuïção para o dicionário da língua portuguesa, mas, também, um poderoso auxiliar para a compreensão das obras dos escritores que se ocupam dos negócios do Oriente... mandou louvar Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado pelo zêlo, perseverança e desinterêsse com que perfez tão útil obra, que revela extensos conhecimentos lingüísticos e grande erudição da história e etnografia» (1).

Não só entre os nacionais, mas ainda — como previa Gonçalves Viana — os dois livros «obtiveram eco e aplauso entre os especialistas de tôdas as nações civilizadas e no público em geral».

A. Meillet, o sábio filólogo e professor do Colégio de França, escreveu:

« .. le livre de Mr. Dalgado sera l'un des outils désormais indispensables aux savants qui voudront étudier les sources du vocabulaire européen moderne» (2).

Segundo Jules Bloch, professor de sânscrito e membro da Sociedade Asiática de Paris:

«il aura contribué, en même temps qu'à honorer sa langue nationale, à elucider certains points de l'histoire des rapports entre l'Europe et l'Extrême-Orient» (2).

O vice-presidente da Real Sociedade Asiática de Londres, Longworth Dames, apreciou-o nestas palavras:

«Esta obra admirável, conquanto traga o modesto título de

(1) *Diário do Govêrno*, de 18 de Agôsto de 1921.

(2) *Revista Lusitana*, vol. XXIII, págs. 298-305.

Glossário, é na realidade um tratado, que contém enorme soma de investigações sôbre um assunto quási desprezado... Neste monumental *Glossário* está o resultado de todo o seu trabalho compendiado e disposto de forma conveniente; e é de esperar que os estudiosos de Inglaterra e da Índia que não conheçam o português se esforcem por obter suficiente conhecimento daquela língua, para poderem aproveitar a grande cópia de ensinamentos valiosos que êstes volumes contêm» (1).

Em cada um dêstes livros merecem ler-se os respectivos Prefácio e Introdução, que além de serem peças eruditas ao alcance do leitor comum, constituem um panegírico em louvor da antiga acção portuguesa no Oriente, que deu lugar não só à apropriação de vocábulos indígenas, mas também à pasmosa expansão da sua língua por variados povos asiáticos.

«É verdade que o português — conclue o autor — já não tem tamanha extensão e está agora muito circunscrito. Cessou de ser língua franca; e os crioulos, uns estão extintos, outros agonizam, outros talvez pelo perpassar de séculos venham a desaparecer. Mas, quando porventura o português não fôr falado no Oriente, os vocábulos da bela língua de Camões, adoptados e naturalizados em uma centena dos idiomas vernáculos, não perecerão jàmais, mas perdurarão juntamente com os mesmos idiomas e serão, na sua linguagem eloqüente, um monumento vivo e constante da dominação e civilização portuguesa».

E enquanto perdurarem êsses vocábulos e êsses idiomas, a *Influência* e o *Glossário* auxiliarão as investigações dos estudiosos e serão também um monumento, não menos vivo e constante, à saudosa memória do infatigável e benemérito trabalhador que foi Monsenhor Dalgado.

(1) *Revista Lusitana*, vol. XXIII, págs. 298-305; transcrito do *Heraldo*, de Nova Goa.